

**FUTEBOL/FUTSAL É LUGAR DE MULHER? A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM PERIÓDICOS (2002- 2019)****DOES SOCCER FIT FOR WOMAN? THE PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN PERIODICALS (2002-2019)**Isabela Lobato e Lobato<sup>1</sup>, Rosielen Pinheiro Rodrigues<sup>2</sup> e Higson Rodrigues Coelho<sup>3</sup>**RESUMO**

O estudo analisa a produção do conhecimento sobre futebol, futsal e gênero em periódicos científicos no período de 2002 a 2019. Submete a crítica as problemáticas referentes à discussão sobre futsal, futebol e gênero no meio científico. Proporciona uma visão ampla do processo histórico de inserção da mulher na sociedade, no esporte e no futebol. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica utilizando o banco de dados Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>), tendo como critérios de seleção dos periódicos: a qualificação na qualis/capes como de A1 a B4 e serem periódicos nacionais. Os critérios de exclusão foram: os textos com sessões destinadas a resumos, resenhas de livros ou documentos que não correspondem a artigos publicados em periódicos. Os resultados encontrados evidenciam que a Revista Brasileira de Futsal e Futebol com 07 artigos publicados, constatou-se que ano de 2019 foi o mais produtor, sendo que a região Sudeste concentra o maior volume de produções. Identificou-se a predominância de mulheres como autoras e co-autoras, e por fim, as temáticas priorizadas foram Aspectos históricos e filosóficos futebol feminino com 12 artigos; Mídia e Futebol feminino com 04 artigos; Opressões de Gênero no Esporte com 12 artigos e Rendimento Esportivo 15 artigos publicados. Concluiu-se que a existência de produções referentes ao tema cria uma gama de possibilidades para o meio científico, trazendo à luz um debate tão caro para as mulheres no Brasil. País este que é considerado o ícone do futebol, mas historicamente tem alijado as mulheres do protagonismo no âmbito deste esporte.

**Palavras-chave:** Futebol. Futsal. Gênero. Produção do conhecimento.

**ABSTRACT**

The study analyzes the production of knowledge about football, futsal and gender in scientific journals from 2002 to 2019. It criticizes the issues related to the discussion about futsal, football and gender in the scientific community. It provides a broad view of the historical process of insertion of women in society, sports and football. It is a bibliographic search using the Google Scholar database (<https://scholar.google.com.br/>), with the selection criteria of the journals: qualification in qualis / capes as from A1 to B4 and being national journals. The exclusion criteria were: texts with sessions for abstracts, book reviews or documents that do not correspond to articles published in journals. The results found show that the Revista Brasileira de Futsal e Futebol with 07 published articles, it was found that 2019 was the most productive year, with the Southeast region concentrating the largest volume of productions. The predominance of women was identified as authors and co-authors, and finally, the priority themes were historical and philosophical aspects of women's football with 12 articles; Women's Media and Football with 04 articles; Gender Oppression in Sport with 12 articles and Sports Performance 15 articles published. It was concluded that the existence of productions related to the theme creates a range of possibilities for the scientific environment, bringing to light such a debate dear to women in Brazil. This country is considered the icon of football, but historically it has excluded women from the leading role in this sport.

**Keywords:** Football. Futsal Genre. Knowledge production.

Data de recebimento: 04/02/2020.  
Aceito para publicação: 13/03/2020.

**1 INTRODUÇÃO**

Saviani (1991) afirma que a produção do conhecimento ou estado da arte tem significativa colaboração no processo de desenvolvimento no meio científico, visto que organiza os dados que servem como guia para futuras pesquisas a serem desenvolvidas de maneira mais ampla, aprofundada, entendendo e contextualizando o assunto de forma

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Pará (UEPA), [isabelalobato0@gmail.com](mailto:isabelalobato0@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Pará (UEPA), [rosielenp@gmail.com](mailto:rosielenp@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Pará (UEPA), [higsonr@yahoo.com.br](mailto:higsonr@yahoo.com.br)

mais atualizada, e que sejam dispostos e organizados como meio de acesso mais rápido ao assunto tratado.

Dessa forma, em nosso estudo apresentamos a discussão referente ao objeto Futsal/futebol e Gênero: um balanço da produção do conhecimento feito em periódicos científicos, com o objetivo de realizar um levantamento teórico e preciso sobre o que se tem produzido acerca da temática, para assim, possibilitar o aprofundamento e a análise crítica relacionados à produção científica no Brasil.

Borges e Figueiredo (2015) discutem o conceito sobre gênero como uma categorização da construção social que estabelece características aos indivíduos norteados pelas diferenças biológicas entre homens e mulheres. Furlan e Santos (2008) afirmam que a situação das mulheres no Brasil, no que diz respeito as relações de gênero são marcadas por espaços de contradições, ideologias e discriminações sociais que as colocaram no papel de “sexo frágil”.

Sendo assim, a escolha desse tema se deu a partir da própria construção social imposta as autoras dessa pesquisa, onde podemos levar em consideração os aspectos históricos e filosóficos que influenciaram no contexto da aprendizagem e aceitação das meninas no futsal dentro das escolas, e conseqüentemente as opressões de gênero sofridas principalmente pelas mulheres que vão de encontro com esse padrão pré estabelecido pela sociedade, como é o caso de uma das pesquisadoras, fator este que é agravado pela falta de representatividade e influenciado pelos veículos midiáticos, mas principalmente a justificativa para a escolha desse tema se deu pelas afirmações errôneas acerca do “rendimento esportivo inferior das mulheres” quando estes aspectos não são levados em consideração.

Estas reflexões despertaram a curiosidade de realizar um estudo mais detalhado de como vem se dando o processo de produção do estado da arte sobre futebol, futsal e Gênero no meio científico. Tavares et al. (2003) evidenciam que existem poucos estudos no Brasil na área da Educação Física que se propuseram a investigar as produções literárias e a realizar um “mapeamento do estado da arte”, o que é problemático, visto que a falta de análise sobre determinada área do conhecimento acadêmico inviabiliza o avanço da ciência.

Desta forma, com a finalidade de contribuir com meio científico é que trazemos o levantamento sobre a produção do conhecimento, onde buscamos proporcionar uma visão mais ampla de como se deu o processo histórico de inserção da mulher na sociedade, assim como, no meio futebolístico.

## **2 A MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

O conceito sobre mulher é multável, ou seja, é modificado ao longo dos tempos e deve ser compreendido dentro de uma visão socioconstrucionista, que se dá a partir da construção social e cultural e não apenas definida biologicamente. Ribeiro (2013) afirma que a aplicação da biologia na questão de gênero nos faz tomar uma diferença biológica como social e segundo ela a mulher não pode ser definida unicamente pela biologia ou sua sexualidade porque a consciência que a mulher adquire de si mesma é apreendida na sociedade a qual ela é membro.

Assim, para compreendermos a mulher na sociedade contemporânea precisamos nos reportar as crenças e valores que caracterizaram a sociedade patriarcal, a exemplo o período pré-histórico, na qual as mulheres eram predestinadas a gravidez, diminuindo, assim, seu rendimento laboral dependendo dos homens para proteção guerreira e para o produto da caça e da pesca (CHAGAS; CHAGAS 2017).

No período medieval Chagas e Chagas (2017) reportam para uma sociedade extremamente patriarcal, esta que sofreu forte influência da igreja construindo um conceito

que definia as posições sociais de gênero, ao qual dava aos homens uma posição social privilegiada de supremacia, em que a posição destinada as mulheres eram de submissão aos homens, pai, marido, irmãos.

No renascimento as descobertas científicas provocaram mudanças na idade média e influenciaram na posição social da mulher, uma vez que, passaram a participar, auxiliando nos partos e também na confecção de remédios à base de ervas, na época essas mulheres eram denominadas de curandeiras (CAMPOS, 2010).

No século XVIII as concepções biológicas que retratavam a submissão da mulher ao homem e definiam sua função especificamente ligada à maternidade, começaram a “cair por terra” e serem desmistificadas, na Europa, no movimento de libertação que almejava colocar a mulher como um ser autônomo (BADINTER, 1985).

Logo, foi no período da revolução industrial que as mulheres começaram a ganhar um espaço na sociedade que estava avida por mão de obra, assim mulheres foram recrutadas para trabalhar nas indústrias ajudando a compor a renda do lar.

Todavia, foi no século XIX que os direitos das mulheres começaram de fato a fazer parte do cenário social europeu. A história da condição feminina, no decorrer desse século conheceu importantes modificações estruturais cujos efeitos são percebíveis na contemporaneidade. Efeitos como: a incorporação ao mercado de trabalho fora do espaço doméstico, a autonomia civil, o direito a instrução, o nascimento do feminismo (GODOY; COSTA, 2017).

Portanto, as mulheres avançaram em suas conquistas com o direito ao voto, ao mercado de trabalho e ainda persistem na luta por direitos igualitários em relação aos homens em diversos outros campos. Algumas delas escolhem como e quando querem ter filhos e muitas se decidem por não os ter. Promovem suas escolhas, algumas proporcionadas pela medicina, como, por exemplo, os métodos contraceptivos, o uso de inseminação artificial e/ou a gravidez independente. Podem casar-se mais tarde e têm direito ao divórcio, assim como o direito a prática de esportes (BRAGA; MIRANDA; CORREIO, 2018).

### **3 A MULHER NO FUTEBOL**

O esporte é conceituado pelo Coletivo de autores (1992, p. 48) como uma “prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica”. Esta prática social insere-se nos elementos da cultura corporal, na qual os agentes do conhecimento de criação são as pessoas e os contextos nos quais as mesmas estão inseridas, ou seja, a sociedade cria as necessidades e as soluciona dentro do espaço esportivo.

Para entendermos a inserção da mulher no meio esportivo, primeiro é necessário compreendermos a relação entre “esporte” e “sociedade”. Tubino (2010) explica essa correlação no livro “Estudos Brasileiros sobre o Esporte” expondo que da antiguidade até metade do século XIX ocorreu o Esporte Antigo, o Esporte Moderno só foi criado após 1820 onde começaram a ser institucionalizadas as práticas esportivas existentes, codificando-as por meio de regras e entidades. E por fim, o esporte contemporâneo, que só teve início a partir da aceitação do direito de todos ao esporte na década de 1980.

O futebol é um fenômeno esportivo conhecido e difundido mundialmente por suas características de regras simples e ajustáveis tanto ao público quanto aos praticantes, quando na condição de esporte de espetáculo e alto rendimento é altamente rentável e pouco acessível à algumas classes sociais, levando a crer que o mesmo é um esporte de todos, porém não para todos.

Pisane (2014) demonstra em seu estudo que historicamente o futebol no Brasil é

descrito segundo uma visão masculina, mostrando que as mulheres viviam à margem do esporte até determinado tempo, já que em 1921 foi noticiada com muito espanto a primeira partida de futebol feminino a qual foi abraçada por grande preconceito. Tempos depois no ano de 1941 o público feminino foi impedido de praticar esporte através do decreto de lei 3.199, com a justificativa de que alguns desportos não poderiam ser praticados por mulheres ao ser presumido que estes poderiam torna-las “inférteis” por conta de traumas, esse decreto se perdurou até meados de 1979.

Se não bastasse todos esses percalços, em 2001 a Federação Paulista de Futebol (FPF) impôs que para a prática as jogadoras deveriam manter um estereótipo totalmente feminino, usariam uniformes justos e cabelos compridos, pois elas deveriam ser símbolo de feminilidade (PISANI, 2014).

Logo percebesse que essa discussão sobre a prática do futebol no mundo está diretamente ligada ao gênero, pois as normas que constituem as concepções de feminilidade ainda limitam a prática dos esportes por mulheres, onde os estereótipos sobre a sexualidade de jogadoras ainda são extremamente intrínsecos na sociedade.

Permanentemente são ressaltadas questões envolvendo a “perda da feminilidade”, o “empoderamento feminino”, a “autonomia da mulher no esporte”, a “influência sexista sob o esporte” e o fato de que a mulher atleta deve mostrar competência ímpar e se desdobrar, pois tudo será justificado por seu gênero.

Visto que historicamente o futsal e o futebol feminino caminham vagarosamente em direção à popularidade, observa-se que a falta de apoio ao desporto torna a sua inserção ainda mais difícil no mundo esportivo de alto rendimento, Louro (2012) diz que ser mulher e jogar futebol significa, simultaneamente, praticar um esporte concebido como fenômeno social e estar à margem daquilo considerado “central” para o sexo feminino.

Essa falta de apoio é construída pela carência de patrocínios e pela baixa difusão midiática o que provoca a escassez de público para prestigiar os jogos femininos, logo, não se pode contar com uma grande arrecadação de ingressos. Por conseguinte, percebesse que o preconceito sofrido pelo futebol feminino ao longo da história tem sua reflexão nos dias de hoje, em pleno século XXI atletas ainda não conseguem viver apenas do futebol.

Não é segredo que o meio do capital utiliza das mais variadas formas de vender produtos e imagens, partindo desse pressuposto podemos observar um aumento no interesse em relação ao futebol das mulheres após a copa do mundo de 2019, o que pode ou não ser prejudicial à luta mantida durante tanto tempo para a ascensão da modalidade, pois quando se fala mais de mulheres no futebol, mais se pode ver mulheres no futebol.

No entanto, cria-se uma necessidade de vender o produto “mulher-jogadora”, não com um entendimento de que as mulheres precisam ser reconhecidas pelos grandes feitos durante a história e mais especificamente no mundo futebolístico, mas como um modo de usa-las para propósitos de mercado.

#### **4 PARÂMETROS TEÓRICO METODOLÓGICO**

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Para Oliveira (2007) a pesquisa bibliográfica é caracterizada como uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico como: livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Adota-se a abordagem qualitativa como parâmetro. Para Godoy (1995), abordagem qualitativa em pesquisas documentais traz subsídios para novas pesquisas, além de serem bastante inovadoras, visto que documentos geralmente são tidos como geradores de materiais para futuras pesquisas.

De forma geral, este trabalho se vale da análise de conteúdo, sintetizado por Triviños (1987) que constitui o processo de análise de documentos em diferentes momentos: análise

prévia (classificação e organização), descrição analítica (catalogar, agrupar, identificar) e interpretação inferencial (refletir e tratar).

Portanto, neste ensaio analisamos a produção do conhecimento em periódicos científicos. A princípio foi feita uma catalogação de todos artigos encontrados de acordo com as palavras-chave “Futebol feminino”, “Futsal feminino” e “Gênero”, dividindo-os em tabela por: Ano, título, autores, qualis e revista; para assim analisa-los e definir os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

Para a coleta de dados utilizados na pesquisa, foram levados em consideração como critérios de seleção dos periódicos: estarem classificados na qualis/capes como A1 a B4, serem periódicos nacionais e terem pelo menos um trabalho na área de gênero e futsal feminino, com conteúdo disponível na internet.

Em virtude das mais variadas formas de organização em que se encontram os conteúdos dos periódicos científicos, decidimos excluir os textos com sessões destinadas a resumos, resenhas de livros ou documentos que não correspondem a artigos publicados em periódicos.

A pesquisa se apropriou do material disponibilizado no banco de dados do google acadêmico em seu site na internet (<https://scholar.google.com.br/>), em que foram acessados manuscritos onde identificamos a presença de 30 periódicos, dos quais 24 cumpriram os critérios estabelecidos anteriormente.

A princípio utilizamos os materiais das revistas em seus sítios na internet, onde foram acessados acervos com artigos catalogados a partir do ano de 2002 a 2019, que continham os termos como Futebol, Futsal feminino e Gênero totalizando uma amostra de 43 artigos que constitui o corpo deste trabalho.

Ademais a categorização deste trabalho se deu a partir da distribuição de quantitativos por: (A) Artigos publicados por revista, (B) Ano, (C) Região, (D) Mulheres na produção e (E) temáticas abordadas nos artigos. Por fim, para que fosse atingido o objetivo do artigo adentramos para a análise de conteúdo que tem como intenção primordial o desvendar crítico.

## **5 FUTSAL/ FUTEBOL E GÊNERO: BALANÇO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

Na presente seção iremos expor os dados obtidos nos quarenta e três (43) artigos situados, vinculadas as vinte e quatro (24) revistas selecionadas, afim de que, as informações tratadas proporcionem um debate mais claro de como vem se dando a produção do conhecimento sobre o futebol e futsal feminino relacionado ao Gênero. Para tal serão expostos quadros e gráficos mostrando as distribuições de artigos por periódicos, publicações por ano, suas procedências por região, mulheres na produção e por fim, as temáticas encontradas.

### **5.1 QUANTITATIVO DE ARTIGOS POR PERIÓDICO E QUALIS**

Nosso levantamento detectou um total de 43 artigos inscritos na temática de Futebol, futsal e gênero, os periódicos com maiores publicações em sequência foram: Revista de Futsal e Futebol com um total de 7 artigos, Revista Brasileira de Ciência do esporte tendo 4 artigos, Movimento, Mackenzie e FuLia apresentando 3, e revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Motriz, Medicina do Esporte e Prescrição e Fisiologia do exercício contendo 2 publicações. O quadro abaixo demonstra a distribuição de artigos por periódicos com dois ou mais artigos e suas respectivas qualis.

**Quadro 01** - Distribuição dos artigos por revista e qualis.

Periódicos	Número de publicações	Qualis Capes
Revista Brasileira de Futsal e Futebol	7	B4
Revista Brasileira de Ciência do esporte	4	B2
Revista Movimento	3	B2
Revista Mackenzie	3	B3
FuLia	3	A4
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	2	B1
Revista Motriz	2	B3
Revista Brasileira de prescrição e Fisiologia do exercício	2	B3
Revista Medicina Do Esporte	2	B2

Fonte: Sítios dos periódicos.

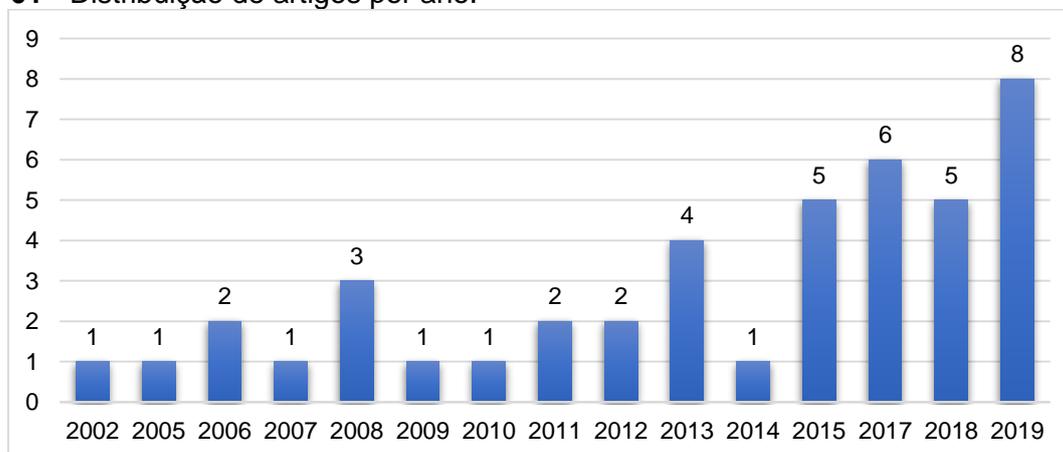
Com apenas 01 artigo encontramos os periódicos e seus respectivos qualis: Estudo feministas (A1), Revista Brasileira de História (A1), Motivivência (B3), Ponto Urbe-Revista Do Núcleo De Antropologia Urbana Da Usp (A1), Revista Temática (A2), Revista da Educação Física-UEM (B2), Unimontes científica (B2), Revista Ciência em Movimento (B4) e Tempos e Espaços em Educação (A3), Fisioterapia e Pesquisa (B1) e Fisioterapia em Movimento (B3), Revista brasileira de Nutrição Esportiva (B3), Corpociência (B4), Pretextos (B1), Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (A4).

Levando em consideração os procedimentos para a estratificação de qualidade de produção intelectual dos programas de pós-graduação feita pela capes verifica-se que dos 26 periódicos 7 são da categoria A classificadas como de alto impacto e 17 com impacto médio, fazendo com que a amostra do estudo tenha mais relevância no meio científico.

## 5.2 QUANTITATIVO DE PUBLICAÇÕES POR ANO

Foram analisados os quantitativos de artigos produzidos por ano, para se ter um balanço do que se tem feito sobre a temática. Logo ao analisarmos os dados, observa-se que em suas distribuições as publicações não se mantem homogêneas, visto que, desde do ano de 2002 o que vem acontecendo é que de ano em ano as produções vêm variando, em que se percebe uma tendência de alta. A variação identificada denota uma não consolidação de grupos de estudo e pesquisa sobre a temática futsal e gênero, o que pode dificultar o acesso do conteúdo por pesquisadores. Como demonstra o gráfico abaixo:

**Gráfico 01** - Distribuição de artigos por ano.



Fonte: Sítios dos periódicos.

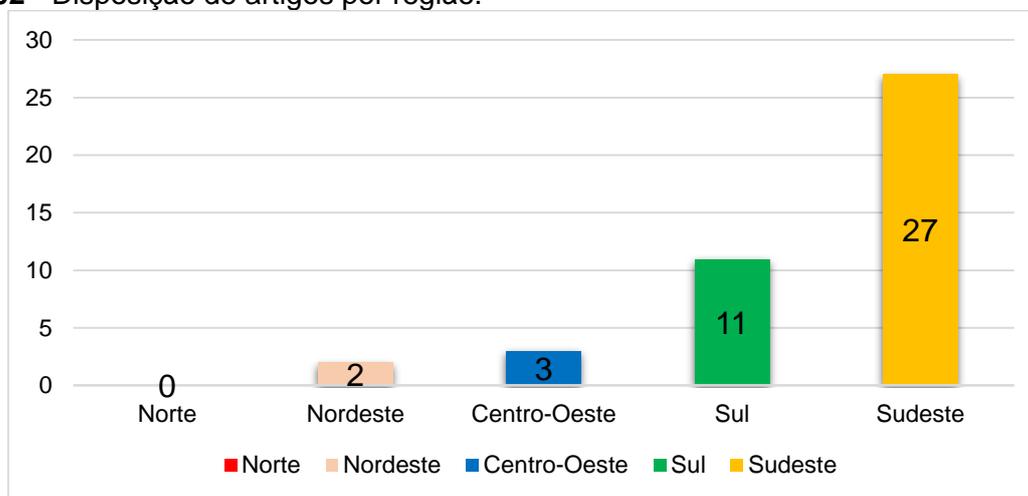
No entanto, tem que se destacar que nos últimos anos tivemos um aumento significativo sendo que em 2019 até o mês de agosto tivemos a publicação de 8 artigos, 2017 com 6 artigos, 2015 e 2018 com 5 artigos. A publicação dos artigos sobre o tema de 2015 a 2019 representa um pouco mais de 55% dos artigos encontrados em todo o período analisado. Sendo que no período de 2001 a 2014, foram encontrados 19 artigos perfazendo um percentual de 44%, sendo que 04 artigos foram encontrados em 2013 e 03 artigos em 2008. Nos anos de 2006, 2011, 2012 foram encontrados 2 artigos em cada ano e com 01 artigo nos anos de 2002, 2005, 2007, 2009, 2010, 2014. Essencialmente, percebemos uma curva ascendente no número de publicações de artigos relacionados ao futebol feminino com 13 artigos encontrados nos dois últimos anos.

A média crescente de publicações nos últimos dez anos pode ser explicada pelo advento da globalização, pois é de conhecimento que a sociedade tem explorado mais a temática não só pelo fato de se ter mais investimento no mundo do futebol feminino como também pelo fato de que a mulher tem tido visibilidade e estas a levaram a ser consideradas objeto de estudos científicos. Porém, o declínio das produções científicas na primeira década do século XXI pode considerar algumas variáveis como: o processo histórico onde se tem o patriarcalismo, restrições sociais como direito a estudo e a cidadania efetiva e o começo das lutas pelos direitos fundamentais da mulher no Brasil.

### 5.3 DISTRIBUIÇÃO DE ARTIGOS POR REGIÃO

No que se refere a distribuição das publicações por região detectamos um quantitativo de 27 artigos no sudeste do país, seguida da região sul com 11, centro-oeste com 3, nordeste com 2 e norte sem nenhuma publicação, como mostra o gráfico abaixo:

**Gráfico 02** - Disposição de artigos por região.



Fonte: Sítios dos periódicos.

Logo, ao se falar em produção científica percebe-se altamente uma concentração na região sudeste do país, tanto no padrão de distribuição regional quanto de pesquisadores, com destaque a cidade de São Paulo que produz a maior parte desse quantitativo.

Esse fenômeno pode ser explicado através da disparidade de distribuição de recursos financeiros, tecnológicos e científicos, devido a grandes fundações de fomento à pesquisa a exemplo FAPESP e CAPES, assim como, pela concentração favorecida de universidades e centros de pesquisas consolidados historicamente (SIDON; HADDAD; MENA-CHALCO 2016).

Assim, é perceptível que as regiões menos desenvolvidas como o norte, centro-oeste e nordeste do país ficam com a menor parte desses recursos, causando um círculo vicioso

reiterado por Silva e Rodrigues (2010), não se faz pesquisa, porque não há recursos; não há recursos, porque não se pesquisa.

Se a implantação da ciência por sua natureza já é difícil, essa dificuldade se amplia sem recursos. Percebe-se que o desenvolvimento econômico das regiões brasileiras interfere diretamente no quantitativo de trabalhos publicados, sendo que as regiões Norte e Nordeste possuem poucas produções, inclusive sobre o tema do futebol/futsal feminino.

#### 5.4 MULHERES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Nesta categoria vinculam-se aos quarenta e três artigos 118 autores possibilitando fazer um comparativo da participação feminina na produção científica, especificamente sobre gênero relacionada ao público masculino. Desses 118, 65 eram mulheres e 53 homens, como demonstra o quadro 02:

**Quadro 02** - Distribuição de produções por gênero.

<b>Gênero</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
Feminino	65	55%
Masculino	53	45%

Fonte: Sítios dos periódicos.

Foi verificado dos 43 artigos, que 16 foram escritos apenas por mulheres, 6 apenas por homens e 21 debatidos por homens e mulheres. Ainda que o tema seja discutido majoritariamente por mulheres em ambas análises, isso ainda se torna um aspecto contraditório, visto que, imaginava-se que este deveria ser um tema debatido por elas, prioritariamente.

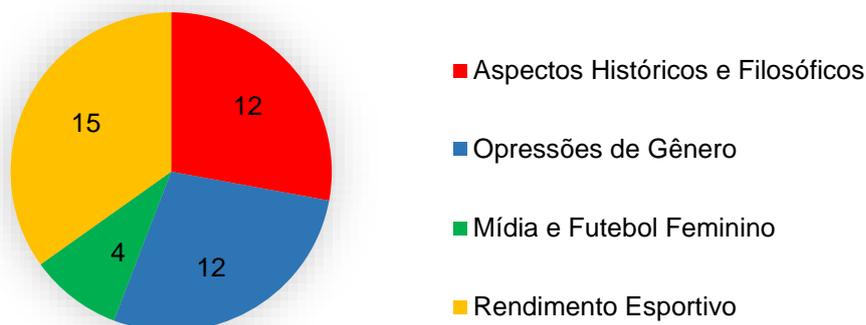
Uma vez que, por muitos anos a história das mulheres foi escrita por uma visão masculina, o que acabou por hierarquizar o pensamento de superioridade, deixando a história das mulheres a sua margem, além de subjuga-las. Em virtude, do processo de construção social que não dava as mulheres o direito a educação e de adentrar no ensino superior.

As mulheres discutem a produção sobre o contexto histórico das dificuldades por elas enfrentadas para poder praticar o desporto, já os homens levam para um debate sobre rendimento esportivo buscando fazer uma comparação entre os aspectos físicos relacionados ao gênero, sem levar em consideração as vivências motoras proporcionadas aos meninos e meninas que indubitavelmente não são as mesmas, assim como, a falta de motivação em praticar o futebol.

#### 5.5 DIVISÃO DE ARTIGOS POR TEMATICAS ABORDADAS

Este tópico se destina a abordar e agrupar 4 temáticas definidas da seguinte forma: Aspectos Históricos e Filosóficos, Opressões de Gênero no esporte, Mídia e Futebol Feminino e Rendimento Esportivo.

**Gráfico 04** - Número de artigos divididos por temática.



Fonte: Sítios dos periódicos.

### 5.5.1 Aspectos históricos e filosóficos

Os artigos anexados na temática “aspectos históricos e filosóficos” dispõe de 12 artigos que vêm tratar do processo de contextualização sobre a evolução histórica do futsal feminino. Trazem ainda uma discussão para se construir conceitos sobre o feminino e masculino, bem como a representação que a temática tem dentro das escolas.

Freitas et al. (2019), identificam as representações do gênero feminino no futebol a partir de documentos publicados no “Jornal das Moças” durante o período em que o desporto foi proibido para as mulheres. Salvini, Ferreira e Junior (2015), dizem que a presença da mulher no universo esportivo brasileiro tem se demonstrado, ao longo da história, um processo cercado de controvérsias e dilemas.

Balardin et al. (2018), afirmam que o futebol feminino chegou ao Brasil em 1921, ano que marca a realização do primeiro jogo entre as moças dos bairros Cantareira e Tremembé, na zona norte de São Paulo. Rigo et al. (2008), afirmam que apesar de pouco divulgada, a prática do futebol feminino não é um acontecimento recente, diz ainda que há registros de sua existência nos anos de 1930 nas cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Franzini (2005), busca entender as relações sociais presentes nas leituras sobre a mulher no futebol durante o século XX, época onde construiu-se paradigma de que o Brasil é o país do futebol. Salvini e Junior (2013), alegam ainda que as manifestações esportivas direcionadas ao público feminino em meados do século vinte registraram preocupações com a promoção e a manutenção de um corpo "feminino" e saudável. Rosa, Costa e Navarro (2009), buscam entender como o futebol pode ser introduzido na vida esportiva de jogadoras brasileiras de alto rendimento através do futsal.

Silveira e Stigger (2013), em seu estudo etnográfico buscaram entender qual a motivação das mulheres em praticar e se associar a um esporte concebido em meio masculino e de que maneira há a inserção desse esporte em suas vidas. Furlan e Santos (2008), observaram algumas jogadoras de futebol afim de saber como as mulheres enxergam a sua inserção no futebol e suas representações, se a escola dá subsídios para que as garotas pratiquem o esporte, além de discutir sobre gênero.

Altmann e Reis (2013), afirmam que na maior parte, a iniciação a esse esporte se dá de forma informal, entre pares, em espaços públicos como na rua, quadras ou no quintal da própria casa e talvez futuramente nas escolas. Almeida (2019), corrobora dizendo que a maioria das jogadoras vem das camadas mais pobres da sociedade classe média, com idades entre 15 e 28 anos.

Darido (2002), diz que os professores devem estar atentos às questões de gênero que ocorrem numa aula de Educação Física, afim de ajudar os jovens a construir relações

de gênero com equidade, respeito pelas diferenças, somando e complementando o que os homens e as mulheres têm de melhor, compreendendo o outro e aprendendo com isso a serem pessoas mais abertas e equilibradas.

### **5.5.2 Opressões de gênero no esporte**

Esta categoria conta com 12 artigos que apresentam as opressões sofridas pelas mulheres no âmbito do esporte futebol/futsal. As questões levantadas são relacionadas ao preconceito, falta de investimento, premissa da perda de feminilidade, profissionalização, motivação para a prática e a sexualidade.

Silva e Nazário (2017), afirmam que não raras vezes, mulheres atletas são chamadas a prestar contas sobre suas identidades de gênero e orientações sexuais, postas sob suspeita, na medida em que um corpo feminino robusto, forjado pelo esporte, manifesta atributos como força, agressividade e habilidade técnica, elementos esses culturalmente entendidos como “masculinos”.

Salvini e Junior (2015), afirmam que sob a ótica masculina, o fato das mulheres futebolísticas romperem a relação tácita de disponibilidade e de se apropriarem de sua imagem corporal, e no mesmo ato, de seus corpos, faz com que sejam vistas como “não femininas” ou até mesmo “lésbicas”. Kotviski (2013), constata em sua pesquisa que quando se trata da iniciação esportiva, o preconceito se torna um empecilho, principalmente para pessoas advindas das camadas mais pobres, levando-as por muitas vezes a desistirem da prática do desporto.

Cruz et al. (2008), em seu estudo discorrem sobre o preconceito sofrido por mulheres praticantes de futebol na cidade de Guanambi, afim de abrir uma discussão sobre o assunto e contemplando as variáveis responsáveis pelo preconceito intrínseco na sociedade. Hirota, Schindler e Villar (2006), analisam fatores que motivem as mulheres universitárias a participar de um time de futebol feminino, obtendo um resultado que condiz com uma das hipóteses impostas sendo de que a prática poderia ser orientada para a tarefa e não apenas para o ego.

Tamashiro e Gallati (2018), discutem sobre a produção científica em revistas utilizando como eixo central da pesquisa opressões de gênero no esporte, constatou que a produção sobre o tema e pouco discutida e ainda não está desenvolvida. Ventura e Hirota (2007), discorrem sobre o dever da mulher no universo futebolístico analisando textos da revista Mackenzie, onde pôde-se descobrir que apesar do grande interesse feminino pelo esporte ainda há percalços que impossibilitam muitas vezes essa prática.

Costa (2019), analisou os pontos principais do livro “Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz!”, que conta a trajetória de Duda, mulher futebolista e jogadora do Sport Club Internacional discutindo a carreira e a profissionalização visando o contexto em que a mesma se inseria. Martins e Assunção (2019), buscaram compreender como o futebol pode ser usado quanto ferramenta de discriminação à homossexuais, negros e mulheres investigando também instituições que protegem estas minorias contra a segregação e o preconceito.

Pires e Carvalho (2019), buscam entender a trajetória das mulheres no futebol no estado do Maranhão, levando em consideração fatores como o preconceito e a discriminação; exaltando a força de vontade das mulheres de praticar o esporte apesar dos obstáculos impostos.

Barreira et al. (2018), discutem que apesar do aumento da presença das mulheres nas práticas esportivas na contemporaneidade, as praticantes ainda são submetidas a padrões e modelos seculares voltados a construção do corpo e sexualidade.

Tais questões são explicadas segundo viés histórico, sociocultural e socioambiental, onde permanentemente as mulheres são discriminadas, à vista disso alguns artigos

buscam entender essas relações de gênero e esporte.

### 5.5.3 Mídia e futebol feminino

A temática mídia e futebol feminino catalogou um total de 4 artigos que tratam sobre a maneira que a mídia se porta sobre inserção de mulheres no Futsal/futebol nos aspectos, apoio, organização e a própria inserção midiática comparado ao tratamento dado ao futebol masculino.

Ferretti et al. (2010), afirmam que as futebolistas já apareceram na mídia criticando a falta de apoio ao futebol feminino, visando só o aspecto financeiro não demonstrando conhecimento de algumas temáticas que tornaria o discurso das atletas mais lucrativo na busca de melhorias para o futebol feminino.

Santos e Medeiros (2012), reiteram que o futebol é tema recorrente em análises históricas, sociológicas e antropológicas, porém quando se trata de futebol feminino principalmente no Brasil há um “reclame” por atenção e apoio da sociedade, da mídia, por parte de atletas e outros atores sociais do esporte vinculados a essa prática.

Lima e Mello (2015) relatam que as mulheres futebolísticas atribuem o problema à cultura, que sempre difundiu o futebol e esportes em geral como práticas masculinas, onde o público feminino nunca conquistou de fato um papel de igualdade. Por este motivo, as pessoas não se interessam pela prática das mulheres. Almeida (2019), analisou as transformações em relação ao futebol feminino no Brasil sucedidas durante os anos de 2016 e 2017 através de reflexões, comentários midiáticos e pesquisas de campo relacionadas a profissionalização da mulher no futebol.

Os autores apontam para uma sociedade machista, que aprecia a mulher como um objeto sexual e por isso, o futebol praticado por elas seria pouco atraente, devido ao corpo atlético ser diferente do corpo padronizado e comercializado pela mídia.

### 5.5.4 Rendimento esportivo

Esta categoria conta com 15 artigos produzidos a partir da ótica do treinamento e rendimento esportivo, levando em consideração avaliações, exames e testes feitos com jogadoras amadoras e/ou profissionais.

Pereira et al. (2018), evidenciam que pesquisas relacionadas a valências físicas e motivação psicológica são limitadas e por este motivo seu estudo tratou do assunto em questão, encontrando como resultado uma relação intrínseca entre aptidão física e motivação. Gayardo, Matana e Silva (2012) expõem a importância em elaborar estratégias de prevenção a lesões devido a suas numerosas ocorrências no futsal, diminuído assim, incidências de desfalques durante o jogo.

Tavares et al. (2019) analisaram os aspectos interligados a recorrência de lesões em atletas de futsal e futebol feminino, julgando que o tempo de treinamento e fatores antropométricos são influenciadores para a ocorrência de lesão. Barcelos, Teixeira e Lara (2018) avaliam a correlação entre força muscular isocinética e equilíbrio postural em atletas amadoras de futsal, acreditando que algumas lesões podem ser evitadas por meio desses testes afim de criar intervenções para correção da postura a partir dos mesmos.

Souza et al. (2015) compararam o teste de esforço e a frequência cardíaca máxima em atletas de futsal de ambos os sexos, porém não conseguiram encontrar conexão entre os dois testes. Ribas et al. (2017), constataram que o treinamento de reforço aliado ao treinamento proprioceptivo pode se fazer eficaz na melhora de estabilidade do joelho das atletas de futsal.

LaPeña e Medeiros (2017) verificaram os efeitos da reflexoterapia podal, tratamento que visa o transporte de nutrientes e absorção de VO<sub>2</sub> máximo de jogadoras de alto

rendimento. Alvares et al. (2017) analisaram o perfil morfológico e neuromotor das atletas de futsal, constatando que dependo da posição tática do jogo, pode haver diminuição da fadiga e elevação da potência anaeróbia.

Oliveira e Bernardes (2019), ponderam sobre o estado de hidratação hídrica de jogadoras de futebol da região sul do país, descobrindo que as atletas vinculadas ao estudo se mantiveram hidratadas ou tiveram leve desidratação e que nesses casos a presença de um nutricionista se faz importante.

Baldaço et al. (2010), discorrem sobre a avaliação de um protocolo proprioceptivo aplicado a jogadoras de futsal avaliando o equilíbrio postural, constatando que precisaria de um tempo maior de estudos, número de amostras maior e grupo controle para se ter um resultado significativo.

Menezes e Lopes (2015) objetivaram analisar alterações aeróbicas em mulheres universitárias que praticam futsal, afirmando a necessidade de um treinamento físico efetivo, afim de melhorar o patamar aeróbio, conseguindo isso através de treinamentos periodizados.

Maciel, Pottes e Caputo (2011) debatem sobre pesquisas que tratam das variáveis do esporte, que podem ser ou não determinantes no treinamento físico empregado aos atletas de futebol, enfatizando que estas mesmas variáveis devem mudar quando se trata do público feminino para que se tenha uma aplicação de acordo com o padrão imposto para esse gênero.

Queiroga et al. (2018) comparam jogadoras titulares e reservas de um time de futsal de alto rendimento durante a taça Brasil de Clubes, afim de traçar um perfil morfológico para cada grupo. Oliveira et al. (2006), expõem as análises locais de times de futebol feminino, afim de visualizar a predisposição comportamental competitiva em relação ao estabelecimento de metas e ao instinto de vencer, caracterizando ainda um paradigma para as ações e a atuação das jogadoras.

Voser et al. (2014), descrevem que a uma falta de preparo dos técnicos e dos dirigentes na questão da psicologia desportiva, uma vez que utilizada como algo relevante no período de treinamento pode ajudar no rendimento das atletas.

Em sua grande maioria, os artigos buscam melhorar e/ou avaliar valências físicas em atletas de futebol/futsal feminino; alguns, porém, buscam fazer uma comparação física e tática entre os gêneros: masculino e feminino, os demais tratam de lesões recorrentes às atletas.

Identificamos que existem poucas publicações na área, porém há uma tendência ao aumento se levado em consideração que o futebol feminino está sendo bem assistido pelo mundo. Percebeu-se que sete artigos são responsabilidade da Revista Brasileira de Futsal e Futebol, logo é mais produtora, a região Sudeste do país com predominância das publicações, especificamente em São Paulo em contraposição ao Norte do país onde não encontramos publicações no período indicado.

Em síntese a pesquisa se adequou ao objetivo proposto trazendo à tona fatos comprobatórios de que o futebol feminino no Brasil é bastante marginalizado. Apesar de esse quadro estar mudando, não se pode dizer que há certeza de uma mudança contínua por conta da carga cultural patriarcalista enraizada no país, visto isso é de suma importância que a formação acadêmica em Educação Física seja um meio de alforriar a sociedade e principalmente as mulheres desses paradigmas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Há a necessidade de continuar o aprofundamento dos estudos sobre o tema de Gênero e futebol, principalmente quando se refere ao campo empírico. No entanto, reafirmamos a importância do balanço realizado até o presente momento, referente a

inserção da mulher num espaço predominantemente masculino e até pouco tempo hostil ao gênero feminino. Portanto, o estudo sobre Futebol/Futsal e Gênero contribui para trazer a luz, o papel que a mulher tem na produção acadêmico-científico no Brasil.

Percebeu-se que as temáticas priorizadas nos estudos analisados giram em torno de quatro eixos: Aspectos históricos e filosóficos; Mídia e Futebol feminino; Opressões de Gênero no Esporte e Rendimento Esportivo. A partir desses eixos é possível mapear os assuntos que vem predominando no âmbito da produção sobre o tema em questão.

É importante ressaltar que as produções dos estudos analisados tiveram predominância de mulheres como autoras, em que as mesmas privilegiam a produção sobre o contexto histórico e das dificuldades enfrentadas por elas, para a prática do futebol. Já os homens privilegiam o debate sobre os aspectos físicos e do rendimento atlético relacionado ao gênero, fazendo-se uma comparação objetivista e matemática.

No que concerne às perspectivas futuras desse trabalho desejamos que haja a ampliação dos estudos em todos os segmentos referentes ao meio acadêmico e científico. Permite ainda ampliar o debate e reflexão sobre as pesquisas relacionadas ao futebol/futsal e a inserção das mulheres, numa perspectiva menos preconceituosa e mais reflexiva no ambiente escolar e no conjunto da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S. O Clube da Rua Mascarenhas de Moraes: Memórias do Futebol de Mulheres em Copacabana. **Ponto Urbe**, [s.l.], v. 1, n. 14, 8 agosto, 2019.

ALTMANN, H.; REIS, H. H. B. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p.211-232, setembro, 2013.

ALVARES, P. D. et al. Potência anaeróbia máxima e índice de fadiga em atletas de Futsal feminino: descrição e comparação entre as posições. **Revista Brasileira Ciência em Movimento**, v. 25, n 4, p. 84-91, 2017.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BALARDIN, G. F. et al. O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 36, p.101-109, abril. 2018.

BALDAÇO, F. O. et al. Análise do treinamento proprioceptivo no equilíbrio de atletas de futsal feminino. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 23, n. 2, p.184-192, junho. 2010.

BARCELOS, B. B. TEIXEIRA, L. P.; LARA, S. Análise do equilíbrio postural e força muscular isocinética de joelho em atletas de futsal feminino. **Fisioterapia e Pesquisa**, Uruguaiana, v. 1, n. 25, p.28-34, outubro. 2018.

BARREIRA, J. et al. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p.607-618, 24 junho, 2018.

BORGES, F. R.; FIGUEIREDO, I. V. Feminismo e a mulher na contemporaneidade: uma análise de propagandas televisivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: intercom, 2015. p. 1

– 15.

BRAGA, R. C.; MIRANDA, L. H. A.; CORREIO, J. P. C. V. Para além da maternidade: as configurações do desejo na mulher contemporânea. **Pretextos**, Minas, v. 3, n. 6, p.524-540, jul./dez. 2018.

CAMPOS, A. A. As Bruxas retornam... Cacem as Bruxas! (Um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina). **Revista Espaço Acadêmico**, nº 104. p. 64 – 72, janeiro, 2010.

CHAGA, L.; CHAGAS, A. T. A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil. **Psicologia.pt**, {s.c}, p.1-8, 23 jul. 2017.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, T. C. Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz!: a trajetória esportiva de Duda (2018), de Silvana Goellner e Suellen Ramos: a trajetória esportiva de Duda. **Fulia/UFMG**, Minas Gerais, v. 4, n. 1, p.148-152, 11 junho 2019.

CRUZ, M. M. S. et al. O futebol feminino em Guanambi: realidade vestida de preconceito. **Revista Unimontes Científica**, Guanambi, v. 10, n. 1/2, p.1-11, dezembro, 2008.

DARIDO, S. C. Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, p.35-50, 2002.

FERRETTI, M. A. de C. et al. O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p.117-127, 20 novembro, 2010.

FRANZINI, F.; Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p.315-328, dezembro 2005.

FREITAS, A. F. et al. O futebol no jornal das moças: as aproximações e os distanciamentos das mulheres. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 23, n. 02, p. 63-74, maio/agosto, 2019.

FURLAN, C. C.; SANTOS, P. L. dos. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 30, p.28-35, 11 dezembro, 2008.

GAYARDO, A.; MATANA, S. B.; SILVA, M. R. da. Prevalência de lesões em atletas do futsal feminino brasileiro: um estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 3, p.186-189, junho 2012.

GODOY, A. S.; Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, maio 1995.

GODOY, G. A. V.; COSTA, C. J. As representações do feminino no período compreendido entre os séculos XVII ao XIX pela ótica das imagens filmáticas. **Historiæ**, Rio Grande, v. 8,

n. 2, p.155-170, 2017.

HIROTA, V. B.; SCHINDLER, P.; VILLAR, V. Motivação em atletas universitárias do sexo feminino praticantes do futebol de campo: um estudo piloto. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, p.135-142, 2006.

KOTVISKI, J. C. Um estudo sobre a iniciação do futsal feminino na periferia de Curitiba. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 5, n. 18, p.314-321, jan./dez. 2013.

LAPEÑA, L. I. de; MEDEIROS, G. M. S. de. Os efeitos da reflexoterapia podal na capacidade aeróbica máxima - vo2máx - em atletas de futsal feminino da categoria adulta. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 9, n. 34, p.320-326, dezembro. 2017.

LIMA, M. F. de; MELLO, A. Y. Representações do futebol feminino: análise de recepção de notícias do portal Globo.com sobre as Olimpíadas de Londres 2012. **Temática**, Paraíba, v. 11, n. 1, p.112-125, janeiro 2015.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade: o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'. In: GOELLNER, S. V.; FELIPE, J. e LOURO, G. L. **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 41-52.

MACIEL, W. P.; CAPUTO, E. L.; SILVA, M. C. da. Distância percorrida por jogadoras de futebol de diferentes posições durante uma partida. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p.461-474, junho. 2011.

MARTINS, D. N.; ASSUNÇÃO, M. M. S. de. Bichas, Macacos, Marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol. **Pretextos**, [s.l.], v. 4, n. 7, p.343-364, julho 2019.

MENEZES, R. V.; LOPES, A. G.; Influência de um período de preparação física na capacidade de resistência aeróbia em universitárias praticantes de futsal. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 9, n. 56, p.617-621, dezembro. 2015.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, P. T. G. de; BERNARDES, S. Estado de hidratação em um time de futebol profissional feminino do sul do país. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo, v. 77, n. 13, p.74-79, jan. 2019.

OLIVEIRA, S. R. de S. et al. Futebol feminino de competição: uma análise das tendências do comportamento das mulheres/atletas em competir, vencer e estabelecer metas. **Revista Brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 3, p.209-218, setembro. 2006.

PEREIRA, J. S.; VENÂNCIO, P. E. M.; SILVA, I. O. Relação entre nível de aptidão física e motivação na prática do futebol feminino. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 40, n. 10, p.627-633, maio 2018.

PIRES, B. S.; CARVALHO, C. A. Craques da resistência: O Futebol Feminino em São

Luís, Maranhão. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 9, n. 2, p.164-178, jul. 2019.

PISANI, M. S. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe**, [s.l.], v. 1, n. 14, p.1-9, 8 ago. 2014.

QUEIROGA, M. R. et al. morphological profile of athlete starters and nonstarters of feminine futsal. **Journal Of Physical Education**, [s.l.], v. 29, n. 1, p.1-10, abril. 2018.

RIBAS, L. O., et al. Propriocepção e reforço muscular na estabilidade do tornozelo em atletas de futsal feminino. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, [s.l.], v. 23, n. 5, p.412-417, setembro. 2017.

RIBEIRO, D. Comunicação: Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p.506-509, janeiro. 2013.

RIGO, L. C. et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: **Revista Brasileira de Ciência e do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p.173-188, maio 2008.

ROSA, C. F.; COSTA, N. G. R.; NAVARRO, A. C.; A prática do futsal feminino na formação das jogadoras brasileiras de futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.163-172, Maio/agosto. 2009.

SALVINI, L.; MARCHI J. W. Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p.95-115, março, 2013.

SALVINI, L.; MARCHI J.W. O aprendizado pelo corpo: conceitos de Pierre Bourdieu para uma leitura do futebol feminino. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, v. 15, n. 8, p.179-191, abril, 2015.

SALVINI, L.; SOUZA, J. de; MARCHI J. W. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 29, n. 4, p.559-569, dezembro, 2015.

SANTOS, D. S.; dos; MEDEIROS, A. G. A. O futebol feminino no discurso televisivo. **Revista Brasileira da Ciência e do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p.185-196, março 2012.

SAVIANI, D. Concepção de dissertação de mestrado centrada na ideia de monografia de base. **Educação Brasileira**, Brasília, v. 13, n. 27, p. 159-168, 2º sem./1991.

SIDON, O. J. G.; HADDAD, E. A.; MENA-CHALCO, J. P. A Ciência nas Regiões Brasileiras: Evolução da Produção e das Redes de Colaboração Científica. **Revista Transinformação**, Campinas, v. 28, n. 1, p.1-24, jan. 2016

SILVA, A. L. dos S.; NAZÁRIO, P. A. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p.1-15, 15 janeiro, 2018.

SILVA, G. P. da; RODRIGUES, D. S. **Linguagem e Educação na Amazônia: Faces e interfaces na Pesquisa, linguagem, cultura e sociedade.** 1<sup>o</sup> edição. Universidade Federal do Pará/Cametá: linguagem e educação, 2010.

SILVEIRA, R. D.; STIGGER, M. P. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 179-194, Março. 2013.

SOUZA, E. G. de, et al. Comparação entre frequência cardíaca máxima predita e mensurada em atletas adolescentes de futsal. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 7, n. 26, p.455-459, 2015.

TAMASHIRO, L. I.; GALATTI, L. R. Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 10, n. 41, p.795-799, dezembro 2018.

TAVARES, M. P. M., et al. Número de lesões e variáveis associadas em atletas universitárias de futsal e futebol feminino. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v. 83, n. 13, p.531-539, jan. 2019.

TAVARES, O. Análise da Produção sobre a educação física na Revista Brasileira de Ciências do Esporte. In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2003. **Anais...** Caxambu, CBCE, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em Educação.** São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte educação.** Maringá: Eduem, 2010.

VENTURA, T. Santos; HIROTA, V. B. Futebol e salto alto: por que não? **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 3, p.155-162, setembro. 2007.

VOSER, R. C.; et al. A motivação para a prática do futsal: comparação entre atletas federados do sexo masculino e feminino. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 6, n. 21, p.196-201, dezembro. 2014.